

SOUSA GALITO, Maria (2011). Sociedade Internacional e os Tiroteios em Espaço Público. CI-CPRI, AO, N.º 13, 9 Abril, pp. 1-2.

AO: Artigo de Opinião



Sociedade Internacional e os Tiroteios em Espaço Público

Sábado, 9 de Abril, um jovem na casa dos vinte anos disparou aleatoriamente com uma pistola automática sobre transeuntes num centro comercial de Alpehn aan den Rijn, a 21 quilómetros a sudoeste de Amesterdão, na Holanda, no que resultou em 7 mortos e 15 feridos, três dos quais em estado grave. Causa? Ninguém sabe.

Dois dias antes, a 7 de Abril, outro jovem adulto de 24 anos disparava indiscriminadamente numa escola onde havia estudado. As vítimas tinham idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos e foram confirmadas 12 mortes, entre as quais a do atirador que se suicidou.

O segundo caso recorda o *Massacre de Columbine* nos EUA, em que os estudantes Eric Harris (18 anos) e Dylan Klebold (17) mataram 13 pessoas com armas de fogo em 1999 e foi notícia mundial.

Na Finlândia, um jovem de 18 anos tirou a vida a 4 pessoas num centro comercial dos arredores de Helsínquia, a dia 31 de Dezembro de 2009. O terceiro registo do país num período de dois anos, pois em Novembro de 2007 um rapaz de 18 anos disparou numa escola sobre 7 alunos e uma professora. E 10 meses depois, um jovem de 22 assassinou 10 indivíduos também num estabelecimento de ensino.

Outros exemplos poderiam ser assinalados. Todos espelham o descontentamento de indivíduos (geralmente jovens elementos do género masculino) contra terceiros, os quais ficam em pânico e surpreendidos por *aquilo* ter acontecido *aqui perto, entre nós*.

O que justifica tamanha revolta? Esta falta de integração, contemporânea do choque alheio à realidade circundante?

Vivemos numa sociedade globalizada e competitiva, supostamente mais democrática e integrada, onde a informação abunda e circula. A vida é uma corrida, em que os mais

fortes e os protegidos chegam primeiro, em que *todos os outros* ficam para trás. Reina a lei do mais forte do darwinismo social, num contexto de mediatismo da desgraça e da exceção negativa, ou da frivolidade e do materialismo. Uma sociedade demasiado ocupada para *ter tempo* para a comunidade, o associativismo, a confraternização e o fortalecimento familiar. Para educar e regradar, para saber punir a falta de escrúpulos e digerir o individualismo. Impera a celeridade no quotidiano e a distância virtual dos contactos.

O *lado humano* das pessoas mais frágeis é posta à prova de forma evidente, podendo desvincular-se do sistema e quebrar-se em apatia ou violência.

Não surpreendentemente, as notícias de perto e de longe alertam-nos para realidades anti-sociais que nos chocam, mas que infelizmente se repetem. Confrontamo-nos, assim, com casos de frustração urbana de almas solitárias e obstruídas no seu almejo pessoal, que arriscam e/ou se suicidam deixando um rasto de sangue como marca da sua passagem por neste mundo.

Porque se ultrapassam a si mesmos de forma tão contraprodutiva? Por não terem emprego e perspectivas futuras? Porque não se libertam de mágoas profundas? Por espírito de vingança? Porque todos têm direito ao seu minuto de fama?

A frustração é uma emoção. Não se informa, compreende-se, digere-se, vive-se. Mas na sociedade da informação, da racionalização das verdades e da frieza dos interesses empresariais que motivam (quase) tudo o que nos rodeia, a vida humana extenua-se. Até ao dia em que alguém grita de desespero ou de egoísmo e é notícia. Assim se despertam consciências. Até à próxima notícia.

(segundo as regras do Acordo Ortográfico)